

Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo

Diacronic and null subject in brazilian portuguese: comparative study

Aline Peixoto Gravina *

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, Brasil

Resumo: Nesse trabalho foi elaborado um estudo comparativo-diacrônico a respeito do uso do sujeito nulo no PB e no PE, a partir de um *corpus* composto por jornais que circularam na primeira e segunda metade do século 19 e na primeira metade do século 20 nas cidades de Ouro Preto no Estado de Minas Gerais/Brasil e na cidade de Évora no Distrito de Évora/Portugal. Os jornais utilizados para este estudo foram os seguintes: *O Recreador Mineiro* (1845-1848); *O Jornal Mineiro* (1897-1900) e *Tribuna de Ouro Preto* (1945-1948) no Brasil e *Ilustração luzo-brasileira* (1856-1858); *O Manuelinho de Évora* (1890-1898) e *Notícias de Évora* (1945-1948). Para efetuar as descrições dos fenômenos estudados, foram analisadas mais de 14 mil sentenças desse *corpus*. Nosso objetivo neste artigo foi o de averiguar e descrever a relação entre o sujeito nulo na diacronia do PB, através de um estudo comparativo com dados do PE. Os resultados quantitativos mostraram que a gramática do PB teria sofrido uma mudança no que diz respeito ao uso de sujeito nulo: perdido a característica de uma língua de sujeito nulo consistente e adquirido propriedades de uma língua com sujeito nulo parcial. Verificou-se nos dados um alto preenchimento do sujeito com o decorrer do tempo por meio de uma estratégia que denominamos de *Sujeito Lexical Anáforico*. A mudança de gramática de sujeito nulo entre o PB e o PE foi constatada em nossos dados à medida que o número de sujeito nulos encontrados em PE permaneceu com alta frequência de

* Professora da área de Linguística do colegiado de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Chapecó, Santa Catarina, Brasil; alinegravina@yahoo.com.br

uso em todos os períodos e ambientes sintáticos analisados. Além disso, o PE não apresentou qualquer necessidade de uso de estratégias de preenchimento como foi atestado em PB. A realização do sujeito nulo com primeira pessoa apresentou um comportamento diferenciado do sujeito nulo de terceira pessoa nos dados do PB, o que reforça a hipótese de o PB ser uma língua de sujeito nulo parcial.

Palavras-chaves: Sujeito nulo parcial. Linguística histórica. Mudança linguística.

Abstract: Our goal in this work is to diachronically examine and describe the subject in Brazilian Portuguese (BP), through a comparative study with data from European Portuguese (EP). In order to do so, we have assembled a corpus of Brazilian newspapers – O Recreador Mineiro (1845-1848); O Jornal Mineiro (1897-1900) e Tribuna de Ouro Preto (1945-1948) – and Portuguese newspapers *Ilustração luzo-brasileira* (1856-1858); O Manuelinho de Évora (1890-1898) e *Notícias de Évora* (1945-1948). More than 14,000 sentences were analyzed to describe the studied phenomena. The quantitative results showed that BP grammar underwent a change with regard to the use of null subjects: it lost the features typical of a consistent null subject language and acquired properties typical of a partial null subject language. We have found out that anaphorical lexical subjects are one of the strategies to realize the subject position in the BP database. A change in the grammar of null subjects in the BP data is observed from their respective numbers when compared to those of EP, which have remained constant, with a high frequency during all periods analyzed according to their syntactic environments. In addition, the EP showed no need to use strategies to fill as was attested in BP. The realization of the null subject with first person presented a different behavior of the null subject of the third person in the BP data, which reinforces the hypothesis that BP be a partial null subject language.

Keywords: Partial null subject. Historical linguistics. Language change.

1 REVISITANDO GRAVINA (2008)¹

Na literatura corrente sobre o sujeito nulo, muitos autores que trabalham no quadro teórico da gramática gerativa classificam o português brasileiro como uma língua de sujeito nulo parcial (Rodrigues, 2004; Holmberg, 2005; 2010; Modesto, 2008; Barbosa, 2009; Roberts, 2010, dentre outros). A dissertação de Gravina (2008) intitulada *A Natureza do Sujeito Nulo na diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro (1845-1950)* teve como objetivo averiguar a mudança ocorrida no português brasileiro ao deixar de ser uma língua de sujeito nulo consistente para uma língua de sujeito nulo parcial. Nessa pesquisa foram analisados os contextos de ocorrências dos sujeitos nulos versus sujeitos preenchidos em textos de jornais brasileiros que circularam nos séculos 19 e no início do século 20.

Ao utilizar a mesma metodologia de Duarte (1995) – que analisou a frequência do uso do sujeito nulo versus o preenchimento do sujeito pronominal realizado – inicialmente, teve-se uma surpresa, pois os resultados para essa variação não foram os esperados:

Tabela 1. Variação sujeito nulo/ pronominal realizado nos jornais brasileiros

	Sujeito Nulo		Sujeito Pronominal Realizado	
Recreador Mineiro (1845-1848)	688/825	83%	137/825	17%
Jornal Mineiro (1890-1898)	419/514	81%	95/514	19%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	312/365	85%	53/365	15%

Fonte: Gravina (2008)

Diferentemente de Duarte (1995), não foram encontrados resultados que apontassem para uma mudança no uso de sujeito nulo no PB. A frequência de ocorrência entre sujeito nulo e pronominal apresentou-se constante em todos os períodos. A primeira hipótese para explicar esses resultados não esperados estaria no tipo de texto utilizado para realizar a pesquisa: enquanto Duarte (1995)

¹ Este artigo é resultado das discussões acerca do terceiro capítulo da tese de doutorado de Gravina (2014): *Sujeito Nulo e Ordem VS no Português Brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus*, orientada pela Prof^a. Dr^a. Charlotte Galves.

analisou peças de teatro, Gravina (2008) utilizou textos de jornais. Portanto, por apresentar características mais conservadoras e formais da língua, os textos jornalísticos não teriam permitido que uma mudança na variação entre o sujeito nulo e pronominal realizado fosse identificada.

Entretanto, se considerarmos o fenômeno de mudança linguística dentro do quadro gerativista, esperamos que, independentemente do gênero que se esteja estudando, se houve uma alteração de gramática na língua, devemos encontrar indícios dessa mudança. Foi justamente buscando essas “pistas”, ou mesmo esses indícios de mudança, nos textos de jornais, que a dissertação de Gravina (2008) encontrou algo novo a ser levado em consideração em uma análise quantitativa: *O sujeito lexical anafórico*.

A autora afirma que o *sujeito lexical anafórico* é uma estratégia de preenchimento do sujeito para evitar que este fique nulo ou utilize um pronome realizado no contexto, uma vez que o pronome pessoal tem um caráter menos formal (muitas vezes remete a marcas de oralidade) que um item lexical. Assim, foi observado que nos textos escritos em jornais, por se tratar de um estilo mais formal, optou-se por utilizar itens lexicais no lugar de pronomes pessoais realizados para fazer referência a algo/alguém já mencionado no texto, por isso denominado de “anafórico”.

Para que este tipo de estratégia fosse “revelado”, realizou-se o seguinte levantamento geral nos dados:

Tabela 2. Variação sujeito nulo/ pronominal realizado e sujeito lexical nos jornais brasileiros

	Sujeito Nulo	Sujeito pronominal Realizado	Sujeito lexical
Recreador Mineiro (1845-1848)	688/1685 41%	137/1685 8%	860/1685 51%
Jornal Mineiro (1890-1898)	419/1835 23%	95/1835 5%	1321/1835 72%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	312/1615 18%	53/1615 3,5%	1250/1615 78,5%

Fonte: Gravina (2008)

Ao inserir os resultados dos contextos de variação dentro de todo o conjunto do *corpus*, identificou-se dois aspectos de grande relevância para o

estudo: i) o número de orações analisadas em todos os períodos manteve uma certa homogeneidade quantitativa (1685; 1835 e 1615, respectivamente), no entanto, o número de orações com sujeito nulo e sujeito pronominal realizado, sem considerar o sujeito lexical, foi cada vez menor ($688+137 = 825$; $419 + 95 = 514$ e $312 + 53 = 365$ respectivamente); ii) o fato de que, analisando todo o conjunto dos textos, o número de sujeitos nulos caiu de 41% para 18% e o número de sujeitos pronominais realizados também caiu, de 8% para 3,5% .

Diante dessas constatações, identificou-se o seguinte fenômeno: tanto o número de sujeito nulo quanto o número de sujeitos pronominais diminuíram. Logo, qual seria a natureza desse sujeito lexical que vem aumentando nos dados?

A resposta a esta pergunta reside no fato de que existem além dos pronomes, outras expressões nominais anafóricas nos textos. O decréscimo do número de sujeitos pronominais e nulos levou à hipótese de que essas expressões nominais anafóricas foram usadas de maneira mais frequente nos dados. Para receber a denominação de *sujeito lexical anafórico*, Gravina (2008) especificou os seguintes ambientes sintáticos:

A) *Retomada anafórica do nome*. Essa foi a classificação mais recorrente. O redator usa um sinônimo, um epíteto ou mesmo substantivava algum adjetivo para retomar a palavra utilizada anteriormente, de forma a manter a referência, mas com o sujeito lexical realizado;

(1) a. Maria Santíssima, a creatura privilegiada de Deus, desde o nascimento predestinada a ser Mãe de Jesus, não podia, pela linhagem donde descendia, ocupar um lugar desconhecido entre os mortais.

A Mãe do Verbo Incarnado não seria, então a creatura humana todavia divinizada pela aureola imaculada, que a elevava acima de todas as grandezas e dignidade da terra. (Tribuna de Ouro Preto, 1945)

A Mãe do Verbo Incarnado = Maria Santíssima

b. Em nosso ultimo número, noticiamos a estada entre nós do Dr. Oscar Ricardo Pereira que aqui por determinação do ilustre Secretário da Viação e Obras Públicas, afim de proceder os primeiros estudos sobre a localização da nossa praça de esportes. Pela espontaneidade cativante com que S. Excia. Veio ao encontro de sua grande aspiração, a população de Ouro Preto não lhe regateará os aplausos sinceros, fazendo votos para que seja das mais fecundas e felizes a sua promissora administração à frente da Secretaria da Viação e Obras Públicas. (Tribuna de Ouro Preto, 1946)

S. Excia. = Dr. Oscar Ricardo Pereira

- B) Repetição.** Quando o redator usava do recurso da repetição literal do vocábulo para expressar-se;
- (2) **a.** Ocupa a atenção dos presentes o **Dr. Gerardo Trintade** em nome da “Sociedade dos Amigos de Ouro Preto”, não obstante se tratar de um orador já consagrado nossa opinião foi a de que o **Dr. Gerardo Trintade** desempenhou, de maneira impecável e com grande felicidade, sua missão de orador oficial da solenidade, havendo produzido magnífica peça oratória e sendo que ao terminar referiu-se a D. Helvécio, chamando-o de pelo título, Arcebispo de Mariana, mas, pelo coração, Arcebispo de Ouro Preto. (Tribuna de Ouro Preto, 1945).
- C) outro tipo de retomada anafórica.** Quando a retomada ocorria de forma diferente de um nome, principalmente com pronomes demonstrativos.
- (3) **a.** Quando a lista foi apresentada a Mr. Currau, perguntou **este** para que era; respondeu-se-lhe que era para o enterro de Mr. O’Brien, escrivão? (Recreador Mineiro, 1845)

Como se vê, no exemplo acima, o pronome demonstrativo “este” retoma o sintagma nominal “*Mr. Currau*”.

No exemplo (1a), o sujeito lexical anafórico *A mãe do verbo incarnado* se refere ao sujeito da sentença que o antecede: *Maria Santíssima*. Note que no lugar de *A mãe do verbo incarnado* poderia haver um sujeito nulo sem qualquer prejuízo de interpretação, ou mesmo um sujeito pronominal “ela”. Logo, *A mãe do verbo incarnado* cumpre um papel sintático de preenchimento, evitando que esta posição fique nula, mesmo com a possibilidade de se fazer a recuperação do sujeito do verbo pelo contexto. Portanto, além da forma pronominal como uma estratégia de preenchimento do sujeito já apontada na literatura corrente, como Duarte (1986) dentre outros, identifica-se, além dessa, nos textos de estilo mais formal, como os textos de jornais, outra forma de estratégia de preenchimento: o sujeito lexical anafórico que, contabilizado ao lado das outras opções de realização do sujeito, apresentou-se nos jornais brasileiros conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 3. Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos nos jornais brasileiros

	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal Realizado		Sujeito lexical Anafórico	
Recreador Mineiro (1845-1848)	688/913	75%	137/913	15%	88/913	10%
Jornal Mineiro (1890-1898)	419/593	71%	95/593	16%	79 /593	13%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	312/557	56%	53/557	9%	192 /557	35%

Fonte: Gravina (2008)

Ao acrescentar a variante *sujeito lexical anafórico* nos dados, é possível constatar o aumento do preenchimento do sujeito no decorrer do tempo. Para que a relação entre sujeito nulo versus sujeito preenchido fique em maior evidência, apresenta-se a quantificação dos dados com a união do sujeito pronominal realizado e o sujeito lexical anafórico:

Tabela 4. Distribuição dos sujeitos nulos versus sujeitos preenchidos nos jornais brasileiros

	Sujeito Nulo		Sujeito Preenchido (pronominal + lexical anafórico)	
Recreador Mineiro (1845-1848)	688/913	76%	225/913	24%
Jornal Mineiro (1890-1898)	419/593	69%	174/593	31%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	312/557	55%	245/557	45%

Fonte: Gravina (2008)

O acréscimo da variante do sujeito lexical anafórico em textos de jornais possibilitou visualizar a diferença de uso do sujeito nulo versus o sujeito preenchido. No entanto, devido à inexistência de dados do português europeu do mesmo tipo de textos e dos mesmos períodos estudados, uma questão importante foi

levantada e não pôde ser respondida: **o sujeito lexical anafórico encontrado nos textos de jornais do português brasileiro seria uma forma efetivamente utilizada para não deixar o sujeito sem realização lexical ou seria apenas uma opção estilística da modalidade escrita?**

Os dados apresentavam indícios favoráveis à primeira opção, já que a estratégia linguística de recorrência anafórica contribui para evitar o uso do sujeito nulo. No entanto, devido a ausência de um estudo comparativo desse fenômeno não foi possível fazer qualquer afirmação de forma categórica. Portanto, com o propósito de responder a essa pergunta de forma mais contundente foi elaborado este artigo.

2 SUJEITOS NULOS E PREENCHIMENTOS NO PORTUGUÊS EUROPEU

Para comparar com os resultados dos textos brasileiros, elaborou-se um levantamento do número de sujeitos nulos, sujeitos pronominais e sujeitos lexicais anafóricos presentes em cada um dos períodos nos textos de jornais portugueses².

Tabela 5. Distribuição dos sujeitos nulos/ pronominais e lexicais anafóricos nos jornais portugueses

	Sujeito Nulo		Sujeito Pronominal		Sujeito Lexical Anafórico	
Ilustração luzo-brasileira (1856-1858)	881/1075	82%	43/1075	4%	150 /1075	14%
Manuelinho de Évora (1890-1898)	710/923	77%	125/923	14%	88/923	9%
Notícias de Évora (1945-1948)	615/831	74%	71 /831	9%	145/831	17%

Esses resultados nos mostram que para cada período estudado a diferença de porcentagem tanto de sujeito nulo, quanto de sujeito pronominal e lexical anafórico não foi muito diferente. Destacamos apenas *o Manuelinho de Évora*, jornal que circulou na segunda metade do século 19, que apresentou uma

2 Os textos de jornais portugueses utilizados nessa pesquisa são semelhantes em relação à forma aos textos selecionados nos jornais brasileiros. Preocupou-se em utilizar textos que tivessem características próximas para que a comparação fosse feita de forma confiável. São textos escritos em forma de narrações, crônicas e entrevistas (em forma de discurso indireto).

porcentagem de sujeitos pronominais realizados superior (14%) aos outros dois jornais (A Ilustração luzo-brasileira – 4% e Notícias de Évora – 9%).

A seguir, representaremos o número de sujeitos preenchidos em contraposição ao número de sujeitos nulos encontrados nos periódicos portugueses:

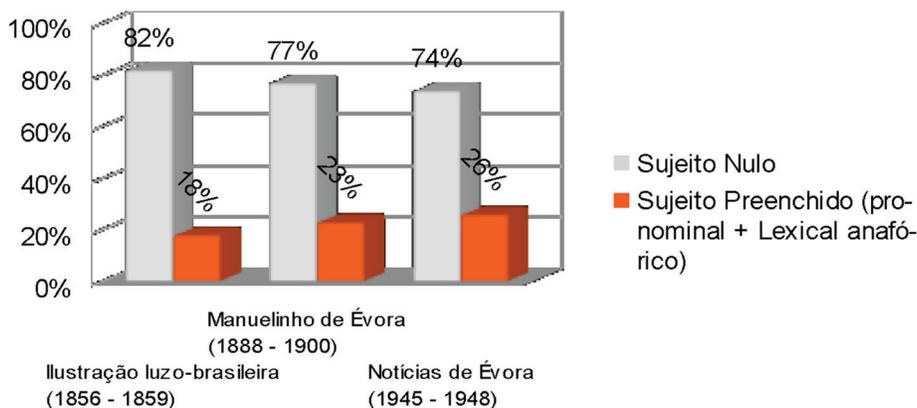


Gráfico 1. Sujeito Nulo *versus* Sujeito Preenchido em textos de jornais do PE

Ao unir os resultados de preenchimento, sujeito pronominal realizado com o sujeito lexical anafórico, fica evidente o que apontamos mais acima: a preponderância do uso de sujeito nulo em todos os períodos em relação ao uso de sujeito preenchido – seja ele pronominal ou lexical anafórico.

No trabalho de Galves e Paixão de Sousa (2013), as autoras apresentam a taxa média de sujeitos nulos entre os séculos 16 e 19 em textos portugueses no *Corpus Tycho Brahe*³. A média de sujeitos nulos foi feita a partir das sentenças matrizes presente em cada um dos períodos estudados, as autoras obtiveram os seguintes resultados:

3 O Corpus Tycho Brahe é formado por textos escritos por autores portugueses nascidos entre 1380 e 1836, e, atualmente, é composto por 57 textos, sendo que destes, 16 estão disponíveis com anotações sintáticas e morfológicas para realização de buscas. O Corpus está disponível gratuitamente para pesquisa no link: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>.

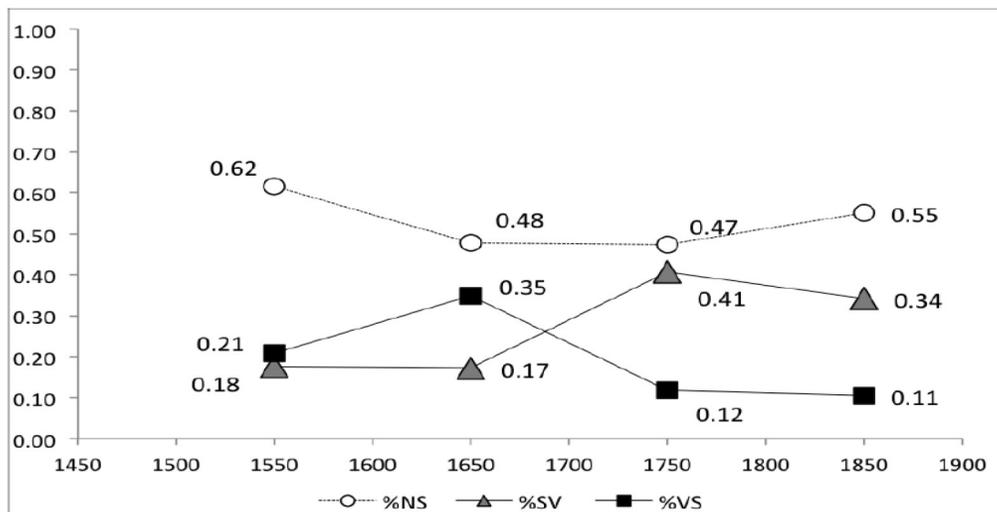


Figura 1. Evolução das expressões do sujeito entre os séculos 16 e 19 (SV, VS e Sujeito Nulo nas orações matrizes) no corpus *Tycho Brahe* (Fonte: Galves e Paixão de Sousa, 2013)

Acima, observamos que a taxa média encontrada para sujeitos nulos no século 19 ficou em torno de 55% para as orações matrizes do *corpus* Tycho Brahe. Ao comparar com nossos resultados em textos de jornais do PE, percebemos que a taxa de sujeitos nulos encontrada para a primeira metade do século 19 é mais alta: 82%. É importante ressaltar que em nossos dados levamos em consideração todas as sentenças, já as autoras, avaliaram apenas as orações matrizes.

Na próxima seção, será feito o comparativo entre os resultados encontrados nos jornais brasileiros por Gravina (2008) e nos jornais portugueses.

3 ANÁLISES E COMPARAÇÕES DOS RESULTADOS ENTRE PB E PE

O objetivo deste artigo é buscar respaldo para dar respostas para a seguinte questão: o PB apresentaria uma necessidade evidente de preenchimento do sujeito no decorrer do tempo ou esse maior preenchimento seria algo estilístico do gênero jornalístico presente em todo e qualquer jornal?

Os resultados apresentados nos jornais brasileiros nos mostram indícios de que esses aumentos na frequência de usos de sujeitos lexicais anafóricos estejam ligados à gramática da língua no PB, ou seja, uma preferência em deixar o sujeito

de alguma forma preenchido em vez de deixá-lo nulo. Se fosse algo apenas estilístico, não se esperaria um acréscimo tão alto de um período para outro. Para comprovar essa hipótese, eram imprescindíveis estudos sobre textos de jornais portugueses que houvessem circulado no mesmo período.

A seguir, enfim, temos os dois principais resultados encontrados para cada um dos períodos estudados no PB e no PE. Para isso, colocaremos lado a lado o gráfico com os resultados do sujeito nulo versus sujeito preenchido do PE e do PB, respectivamente:

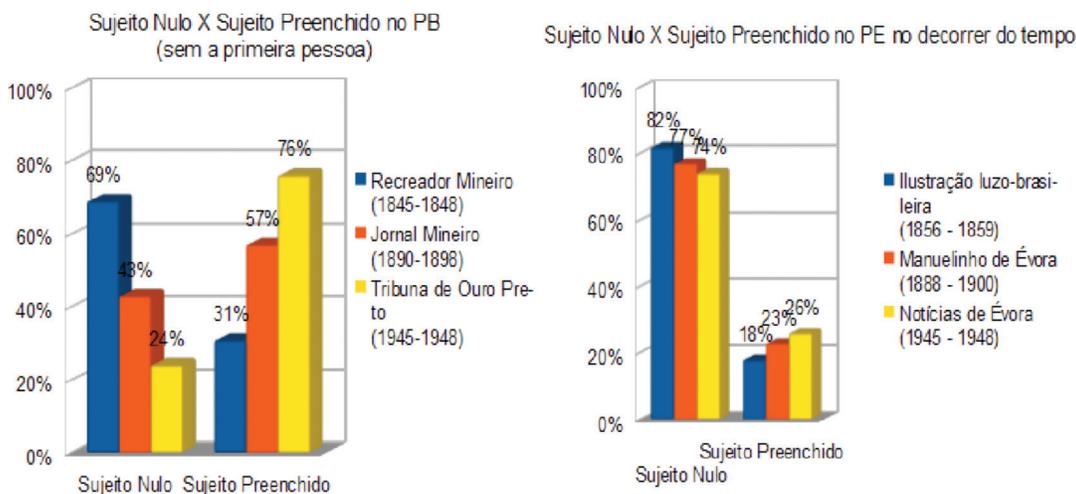


Figura 2. Comparação entre os resultados do PB e do PE para sujeito nulo *versus* sujeito preenchido em cada um dos jornais estudados

Contraopondo os dois resultados, fica evidente que o PE apresentou resultados constantes no decorrer do tempo tanto para o número de sujeitos preenchidos, quanto para o número de sujeitos nulos; já no PB é possível observar nitidamente uma mudança: maior número de sujeitos nulos na primeira metade do século 19 e maior número de sujeitos preenchidos na primeira metade do século 20.

Ao compararmos os gráficos do PE e do PB, podemos ainda dizer que há uma tendência bastante significativa em preencher o sujeito no PB ao longo do tempo. Essa tendência de preenchimento não é constatada nos dados do PE. Esse quadro comparativo nos aponta para uma mudança no uso do sujeito nulo no PB que parece estar ligada a uma mudança gramatical que não se verifica no PE onde o uso do sujeito lexical anafórico mostrou-se constante. Logo, respondendo

a nossa questão inicial: a grande frequência no uso do sujeito lexical anafórico no PB não é algo estilístico dos textos de jornais, pois seu uso no PE não foi tão significativo. Enquanto observamos uma variação no uso de sujeito nulo no PB, no PE seu uso foi preferencial em todos os períodos estudados.

4 CARACTERÍSTICAS DO SUJEITO NULO NO PB E NO PE NOS TEXTOS DE JORNAIS

Em estudos do PB, autores como Figueiredo Silva (2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) – chegam, cada qual a sua maneira, a uma mesma conclusão: a categoria vazia que se encontra em ambientes de sujeito nulo não é pronominal; o sujeito nulo no PB atual só é possível em ambientes em que um elemento anafórico seja legitimado.

No estudo diacrônico sobre o sujeito nulo no PB de Gravina (2008), observou-se um aumento de preenchimento do sujeito em determinados ambientes sintáticos e a permanência de ocorrências de sujeito nulo em outros contextos. Nas próximas subseções faremos uma análise qualitativa da realização do sujeito nulo/preenchido no PE em comparação à análise elaborada para o PB.

4.1 O uso da primeira pessoa nos textos de jornais

Gravina (2008) observa que o uso da primeira pessoa nos jornais brasileiros é extremamente recorrente (ver tabela 6 mais à frente). O peso do uso do sujeito nulo de primeira pessoa é cada vez mais alto com o decorrer do tempo, de 45% para 76%.

Este fato levou a duas conclusões: i) Algo estilísticos dos redadores brasileiros. Pelos contextos analisados, percebeu-se uma necessidade de “impessoalização” e inserção da sociedade como um todo no discurso do jornal, a forma encontradas para esse objetivo foi o uso da primeira pessoa; ii) ao mesmo tempo, esse alto índice de sujeito nulo de primeira pessoa mesmo nos textos brasileiros mais recentes, nos aponta indícios sintáticos de possibilidades de realização do sujeito nulo neste ambiente.

Em relação a questão estilística, considerou-se que a grande recorrência nos dados do PB de sujeitos nulos na primeira pessoa, principalmente na primeira metade do século 20, configurou-se como algo de caráter textual, um recurso estilístico e de elocução na tentativa de proporcionar proximidade com o leitor, ou seja, uma forma de inseri-lo nas afirmações que estavam sendo apresentadas nos textos. O uso da primeira pessoa do plural permitia ser impessoal, mas ao mesmo tempo estabelecer uma proximidade do leitor com o tema abordado no

periódico. Abaixo temos exemplos desse alto uso de sujeito nulo de primeira pessoa que relatamos acima:

- (4) a. *Em o artigo de “Tribuna” a que nos **reportamos, chegamos** à conclusão isofismal: seria, sob, todos os pontos de vista, infeliz a idéia de se transferir, daqui (onde estava muito bem localizada) para Itabirito a Residência em assunto, ao **terminarmos** o artigo que agora **recordamos, fazíamos** um apêlo ao Exmoº Sr. Cel. Alencastro Guimarães, Diretor da E.F.C.B, para que não se efetivasse a descabida transferência já, então, quasi levada a efeito. (Tribuna de Ouro Preto, 1946)*
- b. Sempre **fomos e seremos** respeitadores das crenças e dos principios que soem ter, mas nunca **desceremos** ao bucephalismo da phrase ou à intriga pequenina de campanaio para **fazermos** triumphar principios inconvenientes, pelos quaes, **estamos** certos, não poderão responder esses que Itaverava até agora ter-se encontrado dizem debaixo de um estado que se esforçam por baptizar – da immoralidade !!! ... (Jornal Mineiro, 1890)

Calvacante (1999) classificou o uso do pronome “nós” ou mesmo do sujeito nulo na primeira pessoa do plural como uma estratégia de indeterminação do sujeito. O trabalho da autora foi feito a partir de textos de jornais que circularam no Rio de Janeiro nos séculos 19 e 20. Em nosso trabalho, mesmo sendo jornais mineiros, partimos da hipótese de que os redatores se utilizaram desse mesmo recurso.

Diferentemente do que foi observado nos dados dos jornais brasileiros, nos jornais portugueses não foi constatado esse uso expressivo da primeira pessoa nos dados. O uso do sujeito nulo foi preponderante em todos os períodos, no entanto, a primeira pessoa não foi utilizada de forma tão elevada como visto no PB. No PE também foram observados contextos de impessoalidade com o uso da primeira pessoa, mas bem menos recorrentes e com maior equilíbrio entre as demais pessoas do discurso:

- (5) a. ... mas como **protestamos** aqui não o commetter, **pedimos** tambem aos nossos collegas que nos respeitem nosso direito de propriedade.
- b. **Desempenhará** finalmente o seu titulo de Illustração aos olhos e ao espirito, por ser com a reunião destes dois poderosos agentes que melhor se compenetra o leitor do assumpto descripto. (Notícias de Évora, 1947).
- c. orae pela vossa fama quando se adornarem com prendas que não **tenhaes** comprado. (Notícias de Évora, 1947).
- d. separada de mim pelas aguas, ainda **levantaste** a cabeça e os braços para abençoar-me quando foste abysmada. (Ilustração Oficial, 1856).

Abaixo, apresentaremos as tabelas que identificam nitidamente as diferenças entre o número de sujeitos nulos de primeira pessoa nos jornais brasileiros e nos jornais portugueses:

Tabela 6. Distribuição dos sujeitos nulos pelas pessoas do discurso nos jornais brasileiros

	Número de Sujeitos Nulos de primeira pessoa		Número de Sujeitos Nulos de segunda pessoa		Número de Sujeitos Nulos de terceira pessoa	
Recreador Mineiro (1845-1848)	306/688	45%	48/688	7%	334/688	48%
Jornal Mineiro (1890-1898)	304/419	72%	10/419	3%	105/419	25%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	237/312	76%	19/312	7%	56/312	17%

Tabela 7. Distribuição dos sujeitos nulos pelas pessoas do discurso nos jornais portugueses

	Número de Sujeitos Nulos de primeira pessoa		Número de Sujeitos Nulos de segunda pessoa		Número de Sujeitos Nulos de terceira pessoa	
Ilustração luzo-brasileira (1856-1858)	255/881	29%	88/881	10%	538/881	61%
Manuelinho de Évora (1890-1898)	163/710	23%	57/710	8%	490/710	69%
Notícias de Évora (1945-1948)	166/615	27%	74/615	12%	375/615	61%

Ao apresentar os resultados das pessoas do discurso nos contextos de variação com suas respectivas porcentagens no PB, nota-se que a quantidade de sujeito nulo decresce quando olhamos para a terceira pessoa (45% - 25% - 17%). No *Recreador Mineiro* vê-se que o uso de sujeito nulo na primeira e na terceira pessoa ocorre de maneira equilibrada – 45% e 48% respectivamente. Entretanto, no *Jornal Mineiro*, vê-se que não há mais equilíbrio entre as pessoas, a primeira pessoa ocorre com 72,5% e a terceira com 25% e essa falta de equilíbrio permanece no jornal *Tribuna de Ouro Preto*, no qual temos 76% e 17%, respectivamente.

O desequilíbrio apontado por esses resultados nos dá indícios de uma diferença gramatical entre a primeira metade do século 19 e os dois períodos subsequentes.

Ao efetuar a comparação com os dados portugueses, nota-se claramente que no PB apesar de um número menor de sujeito nulos na totalidade de realizações, o número de sujeitos nulos de primeira pessoa aparece de forma muito mais frequente que no PE, principalmente, na primeira metade do século 20, quando temos 76% de sujeitos nulos de primeira pessoa no PB e apenas 27% para o PE.

Outra importante observação a ser feita é que nos jornais portugueses a taxa de sujeitos nulos de primeira pessoa nos dados manteve-se mais constante: 29%, 23% e 27%, respectivamente para cada um dos três períodos estudados, diferentemente do que se observa nos jornais brasileiros (45%, 72%, 76%, respectivamente). Na quinta seção desse artigo retomaremos essa questão do uso da primeira pessoa nulo em nossos dados.

4.2 Orações –WH

Autores como Figueiredo Silva (2000) e Barra Ferreira (2000) consideram que atualmente o sujeito nulo no PB não pode estar separado de seu antecedente por fronteiras de *ilhas fortes*, como uma oração relativa:

- (6) a. * O João_i eu conheço a garota [que_{cv1} cruzou ontem].
 b. O João_i eu conheço a garota [que ele_i cruzou ontem]. (Figueiredo Silva, 2000)
- (7) a. ?? João disse que as meninas [que encontrou na rua] eram estrangeiras.
 (Barra Ferreira, 2000)

Nos dados diacrônicos dos jornais brasileiros, o contexto de sentenças com operador – qu (sentenças-wh) foi algo restrito ao uso de sujeito nulo, ou seja, a preferência foi o uso do sujeito preenchido:

- (8) a. Si o eleitorado, esquecido de si mesmo, fizer-se portador de nomes que **elle não conhece** e abdicar de seu direito de intervir, por meio do seu voto consciente, na direcção dos negocios públicos. (Jornal Mineiro, 1899)
 b. Onde **estão eles?** (Jornal Mineiro, 1899)
 c. Tivemos a grata satisfação de entrevistar o jovem oficial dos “comandos”, Piet Schalken que, até 1941, era aluno do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto. Holandês de nascimento e residindo, ha muitos anos, no Brasil, o nosso entrevistado partiu, em 1941 para o Canadá, como voluntário, afim de receber os primeiros treinamentos de guerra: *era a decisão inabalavel que o patriota tomara de, embóra*

muito moço ainda, ir se unir aos bravos concidadãos seus e aos demais valorosos soldados das Nações Unidas, na luta contra a fêra nazista! (Tribuna de Ouro, 1945)

A preferência por ter esse contexto preenchido nos jornais brasileiros deu-se não apenas por meio de pronomes, mas também por meio do que chamamos de sujeito lexical anafórico, como pode ser visto no exemplo (c). “O patriota” é a retomada anafórica de “Piet Schalken”, termo que se encontra na primeira linha do texto.

Lima (2006) divide em duas linhas de pensamentos a questão do sujeito nulo no português brasileiro: a primeira seria defendida pelos trabalhos de Duarte (1993,1995,2000), que propõem que os casos de sujeito nulo no PB sejam resíduo de uma gramática anterior, fruto de uma gramática contemporânea em contato com uma gramática anterior. O autor chama essa hipótese de *Hipótese do resíduo*. A outra linha de pensamento é apresentada de forma mais dispersa por vários trabalhos, tais como Figueiredo Silva (1996, 2000), Modesto (2000), Barra Ferreira (2000), Negrão e Viotti (2000), que assumem, cada uma a sua maneira, que a depender do ambiente sintático o sujeito nulo pode ser licenciado desde que seu antecedente possa ser recuperado pelo contexto. Lima chama esta hipótese de *Hipótese do Contexto*.

A partir dessas duas linhas de pensamento, o autor estudou as sentenças interrogativas diretas de um texto em histórias em quadrinhos da “Mafalda” – versões brasileira e portuguesa – com o intuito de entender como se dá a recuperação do sujeito nulo no PB neste ambiente, se por questões residuais ou por questões de contextos⁴.

4 Não entraremos em detalhes em relação a hipótese do autor, uma vez que nosso foco é outro. No entanto, para maiores aprofundamentos, a hipótese de Lima (2006,p. 198) é a seguinte: A “Hipótese do resíduo” faz prever que a preferência pelo sujeito pleno se dê não importando o tipo de interrogativa analisado. A base dessa previsão é a ideia de que a preferência pelo pleno é uma forte tendência no Português Brasileiro e que essa preferência se espraiaria por todas as estruturas da língua. Duarte (1995) identificou as interrogativas com a estrutura com CP preenchido como sendo um foco mais forte de sujeito pleno e, naquelas em que a estrutura de CP estivesse vazia ainda haveria alguma resistência ao sujeito pleno, embora não muito significativa. A “Hipótese do contexto” faz prever que as estruturas com CP preenchido seriam praticamente categoricamente marcadas em favor do sujeito pleno. Isso se daria pelo fato de esse tipo de interrogativa direta impedir a ligação do conteúdo do sujeito nulo com um contexto anterior. Por outro lado, a ausência de elementos em CP faria prever que este seria um contexto em que o sujeito nulo deveria ser licenciado com mais frequência, como acontece com as declarativas (“*Ontem, cv fui ao cinema”, “cv Fui ao cinema”). [...]Uma interrogativa com vocativo propicia, em tese, um contexto viável para a recuperação do sujeito nulo. A recuperação do conteúdo do sujeito nulo se daria pela ligação entre a categoria vazia e o elemento posto no vocativo. Portanto, seria de prever, segundo a “Hipótese do contexto”, que esse tipo de interrogativa representaria um contexto de resistência do nulo. Já a “Hipótese do resi-

A metodologia de comparação utilizada foi bem interessante e o autor encontrou os seguintes resultados para as interrogativas diretas:

Tabela 8. Resultados gerais do PB e do PE em sentenças com interrogativas direta

	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal realizado	
Português Brasileiro	189/502	37%	313/502	63%
Português Europeu	556/577	96,2%	21/577	3,8%

Fonte: Lima (2006)

É interessante observar que assim como foi encontrado um maior preenchimento do sujeito em contextos de orações-*wh* em PB, nos dados diacrônicos dos jornais brasileiro, essa mesma tendência é verificada em sentenças com interrogativas diretas (ambientes-*wh*) em dados retirados de uma revista em quadri-nhos, como observado na tabela acima.

A respeito das sentenças interrogativas diretas, mesmo não tendo muitas sentenças dessa tipologia em nossos dados – devido ao tipo de *corpus* escolhido : jornais – a maioria das sentenças averiguadas deu preferência para o uso do sujeito nulo no PE como pode ser observado os resultados da tabela 10 e pelos exemplos apresentados abaixo:

- (9) a. **Podemos** despedir-nos? (Ilustração luso-brasileira, 1857);
 b. Onde **estão?** (Notícias de Évora, 1947)
 c. Tem receio de quê, se as respostas forem honestas? (Notícias de Évora, 1947)

Interessante observar que as sentenças com interrogativas diretas presentes em nosso *corpus* português com o sujeito preenchido apresentam, em sua maioria, duas características: o sujeito realizado em forma de pronome e em posição pós-verbal.

- (10) a. Onde **estava ele** na ocasião que o crime foi praticado? (Notícias de Évora, 1945)
 b. Que **pretendem eles?** (Notícias de Évora, 1946)
 c. Que demônios **dizem elas?** (Ilustração luzo-brasileira, 1857)
 d. por que razão não **está ele** aqui? (Manuelinho de Évora, 1888)

duo” poderia fazer prever que, estando o processo de preferência pelo pleno adiantado, mesmo em uma estrutura em que haveria um contexto viável para o nulo, haveria uma tendência pelo pleno.

A questão da inversão do sujeito não será tratada nesse estudo, no entanto, aqui queremos enfatizar que enquanto no PE há uma preferência pelo uso do sujeito nulo em sentenças interrogativas diretas, no PB, esse contexto foi preferencialmente preenchido. E quando o sujeito das sentenças interrogativas diretas apareceu preenchido no PE, este estava, preferencialmente, preenchido com um pronome e posposto ao verbo.

De maneira geral, levando-se em consideração todo o conjunto de sentenças-wh (sentenças interrogativas, relativas e clivadas) e não apenas as interrogativas diretas, obtivemos os seguintes resultados nos *corpora*:

Tabela 9. Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas nos jornais brasileiros

Jornais	Sujeito Nulo	Sujeito Preenchido
Recreador Mineiro (1845-1848)	55/79 – 70%	24/79 – 30%
Jornal Mineiro (1890-1898)	21/69 – 30,5%	48/69 – 69,5%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	13/41 – 32%	28/41 – 68%

Tabela 10. Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas nos jornais portugueses

Jornais	Sujeito Nulo	Sujeito Preenchido
Ilustração luzo-brasileira (1856-1858)	60/81 - 74%	21/81- 26%
Manuelinho de Évora (1890-1898)	49/73 - 68%	24/73 - 32%
Notícias de Évora (1945-1948)	35/55 - 65%	20/55 - 35%

Comparando os dados brasileiros com os dados portugueses, identificamos claramente a diferença de uma língua para outra no que diz respeito ao contexto de sentenças-wh. Enquanto no PB há uma mudança de sujeito nulo

para sujeito preenchido, no PE há uma preferência pelo uso do sujeito nulo nos três períodos estudados.

4.3 Orações completivas verbais

Em análises do PB atual, alguns autores consideram que o contexto de sentenças completivas verbais é um contexto restrito para a realização do sujeito nulo. Figueiredo Silva (2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) classificam em suas análises, sentenças como a exemplificada abaixo como agramatical:

(11) a. * O João disse [que_{cv1} comprei a joia no camêlo].

Para Barra Ferreira (2000) os sujeitos nulos referenciais em PB devem estar c-comandados por um antecedente não cindido localizado na oração imediatamente mais alta. Logo, a sentença acima seria agramatical por não apresentar essa condição específica. Figueiredo Silva (2000) considera a existência de dois tipos de sujeitos nulos referenciais: o sujeito nulo anafórico e o sujeito nulo variável. O anafórico seria aquele em que o antecedente se encontrara numa posição argumental dentro de uma oração mais alta e o sujeito variável seria aquele que tem como co-referência um tópico. A sentença apresentada não segue as condições propostas pela autora, pois o verbo *comprei* não possui um antecedente em posição argumental para ser considerado um sujeito nulo anafórico e não possui como co-referência um tópico para ser classificado como sujeito nulo variável, portanto, agramatical para a análise estabelecida. Por fim para Rodrigues (2004), a agramaticalidade de (11.a) é explicada pelo fato de o sujeito nulo de primeira pessoa só poder ocorrer em orações matrizes e o sujeito nulo de terceira pessoa em orações encaixadas.

No trabalho diacrônico de Gravina (2008) observou-se que esse contexto de orações completivas verbais, com o decorrer do tempo, tornou-se um ambiente mais restrito de realização do sujeito nulo. Este resultado corrobora, aparentemente, as hipóteses dos autores a respeito desse contexto no que diz respeito à ocorrência do sujeito nulo no PB.

Tabela 11. Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações encaixadas completivas verbais

	Sujeito Nulo		Sujeito Preenchido	
Recreador Mineiro (1845-1848)	19/26	73%	7/26	27%
Jornal Mineiro (1890-1898)	4/14	29%	10/14	71%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	4/10	40%	6/10	60%

Fonte: Gravina (2008)

Para uma análise mais detalhada, averiguou-se a posição do antecedente nas sentenças do PB. Na primeira metade do século 19, observou-se que o antecedente do sujeito nulo do verbo da oração completiva verbal não estava localizado necessariamente na posição sujeito da oração matriz. Verificou-se uma interpretação mais independente da questão anafórica e mais próxima da realização com propriedades pronominais, i.e., interpretado como um tópico-A (*aboutness-shift*⁵) – como os exemplos a seguir demonstram:

- (12) a. Meia hora depois da criada haver partido, mandou o Doutor a hum criado que montasse a cavallo, e corresse a toda a brida para alcançar a criada, e dizer-lhe que voltasse para traz immediatamente. (Recreador Mineiro, 1846)
- b. Direitinhos para o Ceo, respondeo o criado- Admirado **o velho** do que ouvia, disse **que não podia compreender** semelhante linguagem, porém o criado accrescentou com o maior sangue frio: comtudo nada é mais claro, pois estando meu amo a rezar, e eu em perfeito jejum, aonde pensa V.S.^a que se vá ter com jejuns e orações? (Recreador Mineiro, 1846)
- c. Viajando huma ocasião a pé o doutor Swift, chegou á tardinha a huma aldêa, aonde se resolveo a passar a noite porem todas as estalagens estavam cheias de gente, em consequencia de ter alli havido huma feira no dia antecedente, o que obrigou o pobre Doutor a ficar n'humta taverna muito immunda, e aonde, por falta de camas, se vio na necessidade de deitar-se com hum arreo: este, não podendo pegar no

5 Tópicos com estatuto de novo, que só ocorrem na periferia esquerda e que estão associados a tons altos ou a contornos ascendentes, formado pelos aboutness-shift topics. Frascarelli & Hinterhölzl (2007).

sonno, entabou conversação com seu companheiro de cama, e lhe disse, entre outras cousas, **que tinha** a fortuna de fazer muito bons negocios na feira – (Recreador Mineiro, 1845).

d. Nós Julgamos conveniente declarar **que não podemos** dispensar tempo para responder a cartas anonimas. (Recreador Mineiro, 1845)

e. Mas todas as palavras nós vemos **que reunidas apresentam** quatro, por que a palavra Janeiro contem hum diphthongo, isto é huma só syllaba em ua. (Recreador Mineiro, 1845)

f. Ria quanto quizer, proseguio o velho dos polvilhos, mas siga o conselho que eu vou lhe dar, e terá **o que prometto**. (Recreador Mineiro, 1845)

Os exemplos acima nos mostram uma variedade de localização de antecedentes para o sujeito nulo na primeira metade do século 19. No exemplo (12.a) temos que o antecedente do sujeito nulo do verbo “voltasse” é o objeto indireto “lhe” que faz referência ao objeto direto “criada” da oração anterior. A partir da segunda metade do século 19, verificou-se em nossos dados que os sujeitos nulos das orações encaixadas completivas verbais ficam essencialmente restritos a primeira pessoa.

(13) **a.** Si Nemo diz que eu só tinha o direito de requerer remoção e declara que **exerci** esse direito, sem que ninguém o obstasse, como pode dizer que o direito exercido não se objectivára? (Jornal Mineiro, 1887)

Seguindo a proposta de Figueiredo Silva, a realização lexical do pronome de primeira pessoa mais acima pode ser considerada como um tópico discursivo e o sujeito nulo do verbo “exerci” seria uma variável. Na análise de Rodrigues (2004) essa construção é agramatical no PB atual, uma vez que, para autora, o sujeito nulo de primeira pessoa só é licenciado em orações matrizes. O fato de encontramos uma sentença como essa na segunda metade do século 19 é indício de que este tipo de sentença ainda era produzido, no entanto, como não apresenta uma grande quantidade, pode-se dizer que os redatores do jornal evitavam esse tipo de construção.

Na primeira metade do século 20, o número de orações encaixadas completivas verbais com sujeito nulo decresce ainda mais em relação aos outros períodos. E assim como na segunda metade do século 19, mesmo que mínima, ainda se encontra, em nossos dados, produção de sentenças como a seguir (abaixo produzimos o único exemplo encontrado na primeira pessoa nesse ambiente):

- (14) a. Não faz muito que **ouvi** a irradiação de um disco contendo a belíssima composição de Carlos Gomes, cuja letra começa por êstes dois versinhos tão expressivos: (Tribuna de Ouro Preto, 1945)

Orações como a apresentada no exemplo acima são consideradas agramaticais para Figueiredo Silva(2000) e Barra Ferreira (2000). Isso porque para que tal construção ocorra seria necessária a presença de um antecedente, mesmo que em forma de tópico. Rodrigues (2004) é ainda mais radical com esse tipo de ambiente: para a autora seria uma oração inaceitável porque não haveria sujeito nulo de primeira pessoa em orações encaixadas. Lembramos que essas análises são para o português brasileiro atual. Assim, o fato de se encontrar apenas uma ocorrência desse tipo de construção na primeira metade do século 20, nos leva a evidenciar que, no mínimo, tal construção era evitada na língua, podendo ser um resquício de uma gramática anterior.

De maneira geral, pode-se concluir que na primeira metade do século 19, o uso de orações completivas verbais com sujeito nulo tinha características mais livres. Isto é, sua ocorrência independia de pessoa ou de localização de antecedentes. Já a partir da segunda metade do século 19, sua ocorrência diminui. Tal fato é interpretado como consequência da alteração da realização do sujeito nulo no PB.

Em se tratando dos dados do português europeu nas orações completivas verbais, temos um panorama bem diferente do que é apresentado para o português brasileiro. Os antecedentes das orações completivas verbais são independentes e livres na correferência em todos os períodos estudados.

Na primeira metade do século 19, encontramos exemplos como:

- (15) a. Não ha muitos annos que um individuo por nome Wang-see-Heon, que seguia a perigosa carreira de escriptor publico, commetteu a enorme imprudencia de fazer algumas leves alterações em um dictionario chinez que havia merecido a approvação imperial. No prefacio do seu compendio vimos com horror **que se atreveu** a mencionar os nomes da familia primitiva de Confucio, e tambem os de vossa magestade, temeridade e falta de respeito este que nos fez estremecer. (Ilustração luso-brazileira, 1856).
- b. Descendo a particularidades, em geral qualquer filha de familia dirá em poucas palavras quaes as modas mais em voga em toda a Europa; mas se uma criada lhe perguntar como é que deve passar o ferro pelo peitilho de uma camisa, acreditamos firmemente **que não dará** resposta. (Ilustração luso-brazileira, 1857)
- c. depois ordenou ao conde **que dissesse** ao rei que o secretario era mais capaz de augmentar a desordem presente, que de trazer-lhe remédio: (Ilustração luso-brazileira, 1857)

d. O jornal inglez diz com razão que é impossível presumir o plano que se lizará n'aquelle conselho militar,(admittido que elle se verifique); Bem se vê **que está mui distante da opinião**, geralmente acreditada. (Ilustração luso-brazileira, 1858)

Na segunda metade do século 19 em Portugal encontramos exemplos como os que seguem:

- (16) **a.** Ordena-se ao dedicado professor ou candidato **que vá habilita-se** nas escolas normaes de Lisboa e Porto; (Manuelinho, 1890)
- b.** Deus me livre de imaginar que os animaes poderiam estar compreendidos em qualquer dos conselhos e juntas acima indicadas. Mas francamente nunca se viu uma embrulhada assim. Nem ao menos veem **o que publicam!** (Manuelinho, 1886)
- c.** Feitas estas reduções nas depezas publicas é que o governo entende **que pode e deve** appellar para a bolsa do contribuinte. (Manuelinho, 1887)
- d.** Como o padre Chevet lhe perguntasse se desejava ouvir missa, respondeu que sim e pediu em seguida **que lhe ministrasse** a communhão. (Manuelinho, 1887)

Na primeira metade do século 20, o jornal Notícias de Évora apresenta exemplos tais como:

- (17) **a.** Diferente na sua organização, mas irmanados nos objectivos a atingir, os três organismos oficiais têm sabido corresponder á sua missão e remover diligentemente possíveis atritos-que surgem quási sempre nestas iniciativas.Mas não saltaremos fora da verdade dizendo **que resolveram** geométricamente o problema do, Triângulo Cultural. (Notícias de Évora, 1945)
- b.** Ah! Já vês **que tinha razão**, quando te dizia que um telegrama pode desencaminhar-se! ...exclamou a loura Zirza com expressão triunfante. (Notícias de Évora, 1945)
- c.** Tenho-o demonstrado frequentemente, não só em conversas amigá-veis, se não em artigos espalhados por alguns órgãos da imprensa, e confesso que **não estou** nada arrependido de o fazer. (Notícias de Évora, 1946)
- d.** Estamos certos que, em futuros trabalhos, Isabel Areosa vencerá naturais hesitações e uma compreensível timidez neste seu primeiro contacto com o publico e já que nos mostrou **que sabe** ver para lá da superfície das coisas. (Notícias de Évora, 1946)
- e.** Acredite **que a compreenderemos** e traga, até nós, depressa as maravilhas, que todos os dias as seivas e a luz andam a repetir na terra portuguesa, que se espraia por todos os cantos do Mundo, para lho agradecermos encantados como desta vez. (Notícias de Évora, 1947)

Diferentemente do que ocorre no PB, temos no PE uma variedade de exemplos de sujeitos nulos em orações completivas no decorrer do tempo. Não é verificada nenhuma restrição de pessoa para que se use o sujeito nulo nessas sentenças, inclusive, o sujeito nulo de primeira pessoa do singular e do plural, como nos exemplos 17 (c) e 64 (e), respectivamente, aparecem de forma produtiva em nossos dados do PE, o que não foi verificado nos dados do PB, como apresentado mais acima.

4.4 Orações adjuntas finitas

O ambiente linguístico de orações adjuntas finitas apresentou-se como bastante produtivo para o uso do sujeito nulo em todos os períodos pesquisados no PB. Mesmo na primeira metade do século 20, quando atestamos um maior preenchimento do sujeito nos dados de maneira geral, nota-se que a realização do sujeito nulo nesse contexto é ainda bastante recorrente. Abaixo apontamos exemplos do ambiente sintático averiguado:

- (18) a. Eles não sabem **quando deverão** ficar de pé! (Tribuna de Ouro Preto, 1945)
 b. Depredada a casa do Ovidor, passam os mascarados, com o mesmo tropel do povo, às em que assistia o conde, **quando vinha** a Villa Rica, entendendo que á ellas se havia o Ouvidor retirado. (Tribuna de Ouro Preto, 1946)

A seguir, reproduziremos a tabela com as informações da quantidade de dados encontrados em cada um dos períodos estudados no PB:

Tabela 12. Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações adjuntas finitas no PB

	Sujeito Nulo		Sujeito Preenchido	
Recreador Mineiro (1845-1848)	47/64	74%	17/64	26%
Jornal Mineiro (1890-1898)	39/49	80%	10/49	20%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	22/28	78%	6/28	22%

Fonte: Gravina (2008)

Os resultados dos dados do PB corroboram propostas em que o ambiente sintático com adjuntos finitos seja propenso ainda a utilizar sujeito nulo (BARRA FERREIRA, 2000).

É possível observar que nos três períodos analisados, tal contexto apresentou sujeito nulo acima dos 70%. Diferentemente dos contextos apresentados até o momento, este seria um ambiente sintático de não restrição do sujeito nulo no PB, portanto, nossa hipótese para o PE seria uma alta porcentagem de realização de sujeito nulo nos dados, o que foi confirmado, como pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 13. Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações com adjuntos finitos no PE

	Sujeito Nulo		Sujeito Preenchido	
Ilustração luzo-brasileira (1856-1858)	47/52	90,5%	05/52	9,5%
Manuelinho de Évora (1890-1898)	26/30	87%	04/30	13%
Notícias de Évora (1945-1948)	18/20	90%	2/20	10%

Como pode ser notado pela tabela acima, o ambiente de adjuntos finitos no PE é bastante propício para o uso do sujeito nulo na diacronia em nossos dados. Em se tratando de sujeitos nulos, é um dos poucos contextos em que ambas as línguas, PB e PE, apresentam resultados semelhantes em nossos dados para o uso do sujeito nulo.

5 DISCUSSÃO SOBRE O SUJEITO NULO PARCIAL NOS DADOS DO PB

A partir do que foi apresentado em nossos dados diacrônicos, tentaremos aqui, analisar e fazer uma proposta para o tipo de sujeito nulo encontrado no PB.

Pelo que pode ser observado no conjunto dos dados, o português brasileiro, de maneira geral, corrobora as afirmações da literatura a respeito de termos um preenchimento do sujeito diferente do que se apresenta no português europeu. Dentre os principais trabalhos que discutiram essa relação de diferença do sujeito entre o PB e o PE temos: Galves (1987, 2001); Duarte (1993, 1995, 2003); Negrão e Muller (1996); Figueiredo Silva (1996, 2000); Modesto (2000); Kato (1999) entre outros.

Os dados diacrônicos do PB nesta pesquisa apontam para a emergência de uma gramática de sujeito nulo parcial, com restrições de ocorrências. É

possível averiguar que com o decorrer do tempo a posição de sujeito foi sendo preferencialmente preenchida. Este preenchimento não se deu de forma apenas pronominal como visto em trabalhos como de Duarte (1993; 1995), mas utilizou-se também de uma estratégia de preenchimento lexical, que denominamos neste trabalho de *Sujeito Lexical Anafórico*.

Segundo Duarte (1995, dentre outros) o enfraquecimento do paradigma verbal do PB teria contribuído para o preenchimento do sujeito no decorrer do tempo. No entanto, em nossos dados históricos não temos como averiguar essa questão de forma mais aprofundada, uma vez que, por se tratar de textos formais, sujeitos pronominais como “a gente” ou “você” são dificilmente utilizados nos textos de jornais na diacronia.

Um fato interessante que foi observado em nosso trabalho diz respeito ao alto uso de sujeito nulo de primeira pessoa nos dados do português brasileiro, principalmente na primeira metade do século 20. Observamos que esse uso mais frequente de sujeito nulo na primeira pessoa ocorreu principalmente por dois motivos: i) primeiro por uma questão estilística dos redatores em uma tentativa de impessoalização do sujeito; ii) averiguou-se também uma possibilidade sintática no PB: ocorrências de sujeitos nulos de primeira pessoa em orações matrizes.

Para aprofundarmos a questão do uso da primeira pessoa como forma de impessoalização estilística nos textos, tomamos a iniciativa de analisar de forma comparativa o peso percentual entre o uso da primeira pessoa do plural (seja nula, seja preenchida) nos textos, versus o uso de “se” como índice de indeterminação do sujeito e o “se” apassivador, utilizados como recursos de impessoalização na língua. As tabelas a seguir mostram esses usos comparativamente no PE e no PB.

Tabela 14. Uso de nós (nulo/preenchido) versus o uso de pronome “SE” (índice indeterminador do sujeito e apassivador) nos jornais brasileiros

	Uso de “nós”	Uso de “se”
Recreador Mineiro (1845-1848)	145/379 – 38%	234/379 – 62%
Jornal Mineiro (1890-1898)	220/410 – 54%	190/410 – 46%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	210/393 – 55%	183/393 – 45%

Tabela 15. Uso de nós (nulo/preenchido) versus o uso de pronome “SE” (índice indeterminador do sujeito e apassivador) nos jornais portugueses

	Uso de “nós”	Uso de “se”
Ilustração luzo-brasileira (1856-1858)	205/490 – 42%	285/490 – 58%
Manuelinho de Évora (1890-1898)	227/572 – 40%	345/572 – 60%
Notícias de Évora (1945-1948)	183/443 – 41%	260/443 – 59%

Os resultados das tabelas acima confirmam nossa hipótese. A tabela 14 nos apresenta um panorama em que a partir da segunda metade do século 19, o PB utilizou mais a primeira pessoa do plural do que o “se” como índice indeterminador do sujeito ou apassivador. Ao comparar com os resultados do PE, observamos que a variação primeira pessoa do plural/ uso do pronome “se” permanece estável nos três períodos, sem qualquer alterações, com “se” mais frequente do que nós”.

Em relação à questão estilística do alto índice de sujeitos nulos de primeira pessoa nos dados brasileiros, tomamos a iniciativa de retirá-los para melhor averiguarmos os resultados obtidos. Utilizamos dessa metodologia, pois ao se tratar de uma questão estilística, temos os nossos dados de alguma forma mascarados.

Com a retirada da primeira pessoa dos dados, temos os seguintes resultados para o uso de sujeito nulo versus o uso de sujeito preenchido no PB:

Tabela 16. Distribuição dos sujeitos nulos *versus* sujeitos preenchidos nos jornais brasileiros (sem a primeira pessoa)

	Sujeito Nulo		Sujeito preenchido (sujeito pronominal + sujeito lexical anafórico)	
Recreador Mineiro (1845-1848)	382/551	69%	169 /551	31%
Jornal Mineiro (1890-1898)	115/266	43%	151/266	57%
Tribuna de Ouro Preto (1945-1948)	75/311	24%	236/311	76%

Ao retirar a primeira pessoa nos dados por uma questão estilística, é possível averiguar uma variação ainda mais contundente nos dados. O Sujeito nulo cai de 69% para 24% e o preenchimento do sujeito tem um acréscimo bastante considerável de 31% para 76%. Há uma inversão nos resultados dos dados, no que se refere a essas duas variáveis: na primeira metade do século 19 há uma maior frequência de sujeitos nulos (69%), 100 anos depois, na primeira metade do século 20, há o oposto, uma maior frequência de sujeitos preenchidos (76%).

Nossos resultados mostram que o reflexo da mudança⁶ no PB a respeito do preenchimento do sujeito ocorreu na segunda metade do século 19, mesmo período que estudo diacrônico de Tarallo (1993) aponta como período de mudança gramatical na língua. A seguir reproduzimos a tabela elaborada pelo autor:

Tabela 17. Resumo da porcentagem de retenção pronominal no PB

Tempo					
	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%
(SPs)⁷	96,5%	98,9%	91,3%	72,9%	44,8%

Tarallo (1993) afirma que no conjunto de dados diacrônicos, por volta de 1880 (período semelhante aos resultados de nossos dados), acontece uma mudança no sistema pronominal, de forma que a frequência de retenção começa a decrescer para os sintagmas preposicionados (SPs) e para objetos diretos, enquanto a porcentagem de sujeitos começa a crescer. Há aqui uma diferença de comportamento na língua a que se equipara com nossos dados.

Assim nossos resultados são bastante coerentes com estudos anteriores e reforçam ainda mais nossa hipótese de que o PB teria sofrido uma mudança com o decorrer do tempo: uma língua de sujeito nulopara uma língua de sujeito nulo parcial.

6 Entendemos como reflexo da mudança a língua-E apresentada nos textos. No quadro teórico da gramática gerativa, uma dicotomia fundamental é a de Língua-Interna, ou Língua-I, e Língua-Externa, ou Língua-E. (Cf. Chomsky, 1986). A língua-I é definida como o estado final de uma capacidade inata para a linguagem ou gramática universal, resultante da marcação de parâmetros, durante a aquisição da linguagem. A língua-E é o conjunto dos enunciados produzidos pela Língua-I em situações de uso. Uma característica fundamental da Teoria da Gramática Gerativa é definir seu objeto como sendo a Língua-I (ou gramática) e não a Língua-E.

7 Sintagmas preposicionados: objeto indireto, oblíquo e genitivo.

É possível observar também que a primeira pessoa, no PB, licencia muito mais sujeitos nulos do que as outras pessoas do discurso. Rodrigues (2004) aponta para uma diferença de realização entre o sujeito nulo de primeira pessoa e de terceira pessoa no PB: na primeira pessoa ainda haveria possibilidades de ocorrência de sujeito nulo em orações matrizes. Com o propósito de analisar o uso de sujeito nulo de primeira em relação principalmente ao uso de terceira pessoa, fizemos o levantamento de dados no *corpus* brasileiro:

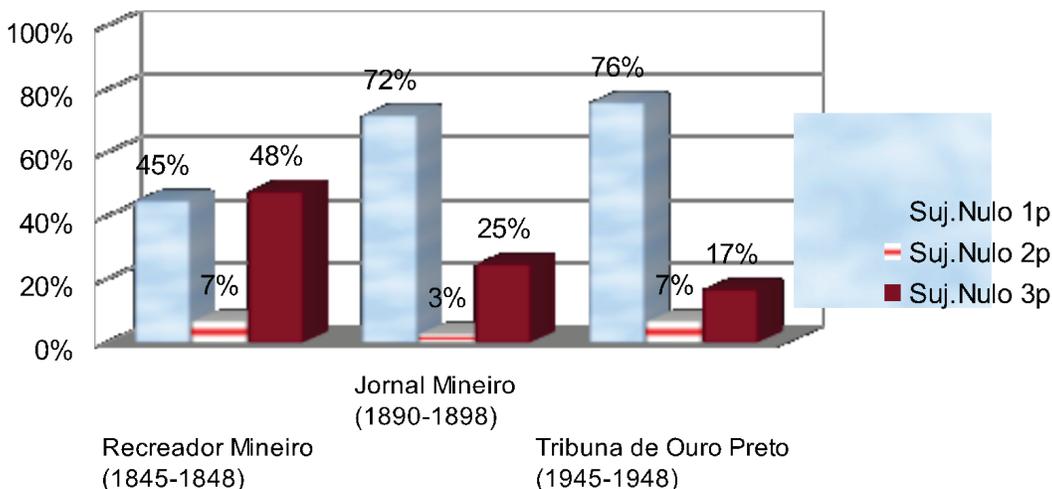


Gráfico 4. Distribuição do sujeito nulo por pessoa do discurso nas orações matrizes dos jornais brasileiros

A partir do segundo período, o número de sujeitos nulos de primeira pessoa se torna bem superior ao número de sujeito nulo de terceira pessoa nas orações matrizes. O Gráfico acima nos revela que dentre os contextos de sujeito nulo em orações matrizes a mais utilizada foi com a primeira pessoa. Os dados diacrônicos obtidos nesta pesquisa vão ao encontro da proposta de Rodrigues (2004), pois a grande quantidade de sujeitos nulos de primeira pessoa ocorreu nas orações matrizes, como pode ser observado nos resultados. Nas subordinadas há ocorrências de sujeito nulo de terceira pessoa com antecedentes no contexto. Rodrigues (2004) admite a possibilidade de sujeito nulo em orações matrizes, mas restringe tal ocorrência à primeira pessoa. A autora considera o sujeito nulo de 1ª pessoa no PB moderno como um tópicos apagado. Tal afirmação tem como base o trabalho de Ross (1982). O autor

estipula que em alemão, o pronome *ich* (eu) pode ser omitido em posição inicial de uma sentença, quando é um tópico.

- (19) a. (Ich) hab' ihn schon gesehen.
 '(eu) já o vi'
 b. Ihn hab *(ich) schon gesehen.
 *(eu) já o vi'. (Ross, 1982, p. 84)

Os exemplos acima, retirados do trabalho de Ross (1982) reforçam o que foi dito: a posição do sujeito só pode ser nula quando se encontra no início da oração. Assim como no PB, no alemão, o uso nulo do pronome de 1ª pessoa é proibido em orações interrogativas e dentro de orações relativas:

- (20) a. *Was machte?
 '* O que fiz?'
 b. *Ich Kenne das mädchen, daß gestern getroffen habe.
 '*Eu conheço a garota que encontrei ontem. (Rodrigues, 2004, p. 103)

Segundo Rodrigues, a inaceitabilidade de sujeito nulo nos contextos acima apresentados pode ser explicada pelo efeito de minimalidade de Rizzi (1986). O movimento do constituinte interrogativo/relativo move-se para spec de CP, o que bloqueia o movimento do sujeito pronominal para a posição de tópico.

Para Rodrigues o comportamento do PB é equiparado ao alemão, que, por sua vez, também não é uma língua de sujeito nulo. Logo, em ambas as línguas, o pronome de primeira pessoa só pode ser apagado se este estiver em posição de tópico. E a aplicação desse apagamento só pode ocorrer quando a morfologia do verbo é rica o suficiente para recuperar os traços do sujeito pronominal apagado.

Para a possibilidade de sujeitos nulos de terceira pessoa, a interpretação da autora é que estes sejam vestígios anafóricos do movimento. Em nossos dados, é possível observar que a referencialidade foi um fator relevante. A flexão não foi a responsável pela presença do sujeito nulo na terceira pessoa, mas sim a possibilidade de recuperação do sujeito no texto. Tais ocorrências podem ser atestadas na seção 4.3 desse artigo, quando tratamos dos tipos de antecedentes nas orações completivas verbais.

Diferentemente do PB, no PE temos a presença de sujeito nulo tanto de primeira, quanto de segunda e terceira pessoa sendo realizados de forma produtiva em todos os períodos e contextos sintáticos. Reforçar-se a classificação de que o PE seria uma língua de sujeito nulo, mais especificamente uma língua de sujeito nulo

consistente, termo utilizando por Holmberg (2010). Diante essas características, o PE pode ser caracterizado como uma língua com sintaxe diferenciada do PB.

REFERÊNCIAS

Barbosa P. Partial pro-drop as null NP-anaphora. NELS 41, UPenn, 2010 and Romania Nova; 2010; Campos do Jordão.

Barra Ferreira M. Argumentos nulos em Português Brasileiro [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2000.

Cavalcante SR. A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca do século XIX e XX [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1999.

Duarte MEL. Do pronome nulo ao pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: Kato M, Roberts I, editores. Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 107-128.

Duarte MEL. A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1995.

Figueiredo Silva. A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas: Editora da Unicamp; 1996.

Galves C. A Sintaxe do Português Brasileiro. In: Oliveira MA, Nascimento M. organizadores. Ensaios de Linguística. Caderno de Linguística e Teoria da Literatura. [Belo Horizonte]: Editora da UFMG; 1987. p. 31- 48.

Galves C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. in Kato M, Roberts I, editores Português brasileiro: Uma Viagem Diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp; 1993.

Galves C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. Cadernos de Estudos Linguísticos. 1998;34:19-31.

Galves C, Faria P. 2010. Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese [banco de dados na Internet]. Atualizado em: [19/08/2013]. Acessado em: [01/01/2014]. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/-tycho/corpus/en/index.html>>.

Galves C. Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Gramatical [projeto de pesquisa]. 2004 (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase2/index.html>) relatórios anuais.

Galves C, Paixão de Sousa MC. The loss of verb-second in the history of Portuguese: Subject position, Clitic placement and Prosody. DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX, 12^a. Submetido, 2013.

Galves, C, Gibrail, A. Subject inversion from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study. DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX, 14^a, Lisboa, 2013 (Apresentação de trabalho/Comunicação).

Gravina AP. A Natureza do Sujeito Nulo na Diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2008.

Holmberg A. Is there a Little Pro? Evidence from Finnish. Linguistic Inquire. 2005;36:533-564.

Kato MA. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. PRO-BUS. 1999;11(1):01-37.

Lima RJ. Interrogativas no português brasileiro e no português europeu e o parâmetro do sujeito nulo: contribuições do corpus “Mafalda”. Letras de Hoje. 2006; 41(1):195-211.

Modesto M. Null subjects without ‘rich’ agreement. In: Kato M, Negrão E, editores. Brazilian Portuguese and the null subject parameter. Madrid: Iberoamericana; 2000. p. 147-175

Negrão EV, Müller A. As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. D.E.L.T.A.. 1997;12:125-52.

Negrão E, Viotti E. Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language. In Kato M, Negrão E, editores. Brazilian Portuguese and the null subject parameter. Madrid: Iberoamericana; 2000. P. 105-125.

Paixão de Sousa MC. Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600 [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.

Rizzi L. Null Objects in Italian and the Theory of pro. Linguistic Inquiry. 1986;[3] ([17]:[501-557]).

Roberts, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: Roberts I, Kato MA, editores. Português brasileiro: uma viagem diacrônica. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp; 1996.

Roberts, Biberauer, Holmberg, Sheehan. Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory. Cambridge: Cambridge University Press; 2010.

Rodrigues CA. N. Effects of Loss of Morphology in Partial pro-drop Languages [tese]. [Maryland]: University of Maryland; 2004.

Ross JR. Pronoun Deletion in German. Paper presented at the annual meeting of The Linguistic Society of America. San Diego, California; 1982.

Tarallo F. Diagnosticando uma gramática brasileira. In: Kato M, Roberts I, editores. Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campina: Editora da Unicamp; 1993. p. 69-105.